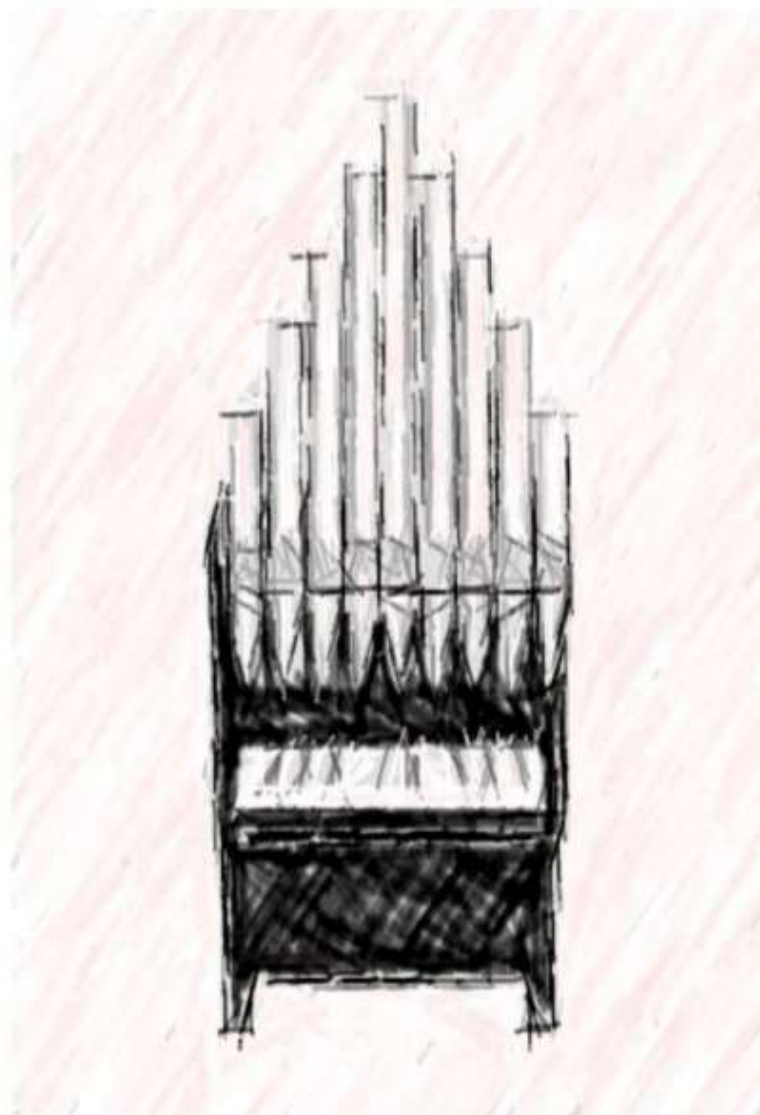


UM PANORAMA DO ÓRGÃO NA MÚSICA BRASILEIRA NO PERÍODO COLONIAL



Samuel Lungareze

Wanderlene Lima Ferreira Lungareze

Ainda na primeira metade do século XVIII, o Frei Carmelita José das Chagas que serviu de prior no convento de Belém, doou um órgão ao convento o qual estava em funcionamento em 1872 quando o Cônego Francisco Bernardino de Souza publicou suas memórias (SANTIN, 2008, p.10).

Fundada pelos jesuítas na terceira década do século XVIII a Casa da Vila da Vigia, situada no atual município de Vigia, próximo a Belém, deveria ser um colégio, porém sobreveio a expulsão dos jesuítas e no inventário dos bens é mencionado “um órgão pequeno de canas” (HOLLER, 2010, p.87).

Viajantes pela Amazônia relatam o uso de órgãos nas mais distantes localidades, nas últimas décadas do século XVIII Alexandre Rodrigues Ferreira testemunhou na primitiva catedral de Barcelos um coro de índias acompanhado por um órgão tangido por uma índia de nome Custódia (PÁSCOA, 2008, p.10).

Na igreja de Nossa Senhora do Rosário em Belém há um órgão possivelmente datado de 1760, destruído pelo tempo e cupins, sem flautas e restando o teclado e pedaleira, constando na consola o nome dos construtores: George Wacker e Gebrüder Furtwängler, possivelmente de uma reforma, eis que tais organeiros são posteriores ao século XVIII (KERR, 2003, p.8).

Há na igreja de Nossa Senhora do Carmo, em Belém, um órgão com um teclado de 53 teclas e 8 puxadores de registro, possivelmente da segunda metade do século XVIII, porém completamente abandonado (KERR, 2003, p.8).

Há registro de organistas no Pará, sendo os primeiros os irmãos Lourenço e Antonio Álvares Roxo de Potflix. Também exerceram as funções de organistas João de Almeida Loureiro e João Batista de Góis (PÁSCOA, 2008, p.7, 11; KIEFER, 1982, p. 26).

ÓRGÃOS EM OUTROS ESTADOS

No nordeste há informações do uso do órgão. Segundo Pereira da Costa (1901) o órgão já era conhecido desde o século XVI nos conventos de Olinda, tendo sido vulgarizado no século XVIII pela criação de oficinas de fabricação por Agostinho Rodrigues Leite e Loreto Couto (PINTO DA SILVA, 2008, p.17).

No Colégio Jesuíta do Recife há indícios da existência de um órgão, porém não temos informação sobre sua origem ou uso, somente havendo o registro de sua arrematação por 20 mil-réis em 1774, em um códice com a receita dos bens confiscados. (HOLLER, 2010, p. 88).

Também há registro de atividade organística no Maranhão, constando do inventário jesuítico do Colégio do Maranhão datado de 1760 um órgão, porém sem descrições ou detalhes (HOLLER, 2010, p. 87).

No Espírito Santo na Aldeia de Reritiba, atual Anchieta houve grande movimento catequético, no inventário realizado em 5 de julho de 1759 é mencionado “um órgão pequeno, um cravo sem cordas e um baixão (HOLLER, 2010, p.92)

ORGANEIROS

Os primeiros registros de organaria no país são de um Jesuíta na região do rio da Prata, em algumas missões, o padre alemão Antonio Sepp (1655- ?) que chegou a fazer órgãos com pedaleira (KERR, 2001, p. 20).

A descrição do padre Sepp do órgão por si construído denota o interesse e assombro causado pelo instrumento nos espectadores indígenas e nos ouvintes em geral:

“(…) uma cousa, entre outras, causou admiração não só aos índios, como também a todos quantos lá iam, aos padres missionários e ao próprio Pe. Provincial, Pe.Lauro Nunez, então presente: a saber, que me viam tocar não só com as mãos, mas também com os pés, cousa nunca vista nem ouvida por eles pois na Espanha os órgãos tem o assim chamado pedal (...)” (KERR, 2001, p.20).

Segundo Diniz (1986), pelos últimos anos do século XVIII havia na cidade de Salvador 3 grandes organeiros: Antonio Francisco Lisboa, Antonio Paulo da Silva e Salvador Francisco Leite, este último filho de Agostinho Rodrigues Leite (DINIZ, 1986, p. 19).

Ainda no século XVIII existiram em Recife, duas fábricas de órgãos: uma que pertencia a Rodrigues Leite e outra a Loreto Couto, organeiros naturais de Recife (PINTO DA SILVA, 2008, p.16).

HOLLER, Marcos Tadeu. **Os jesuítas e a música no Brasil colonial**. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

KERR, Dorotéa. **A atividade organística no Brasil colônia: Organistas, compositores, construtores**. Encontro de musicologia. Facultad de Artes y Educación Física, Universidad de Chile, Santiago, 2003. http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_1999/anppom%2099/paineis/kerr.pdf. Data de acesso: 01.07.2011.

KERR, Dorotéa. **Catálogos de órgãos da cidade de São Paulo**. São Paulo, Annablume:Hosmil: Fapesp, 2001.

KIEFER, Bruno. **História da música brasileira, dos primórdios ao início do séc. XX**. Porto Alegre, Movimento, 3ª Ed., 1977.

MARIZ, Vasco. **A música no Rio de Janeiro no tempo de D.João VI**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2008.

OLING, Bert; HEINZ, Wallisch. **Enciclopédia dos instrumentos musicais**. Lisboa, Livros e livros, 2004.

PASCOA, Márcio. **As índias galantes: Ópera na Amazônia durante o século XVIII. As músicas Luso-Brasileiras no final do antigo regime**. Comunicação de Pesquisa e Simpósio. Lisboa, Gulbenkian, 2008.

PINTO DA SILVA, Handel Cecilio. **O órgão setecentista da igreja do Carmo de Diamantina: seus enigmas e sua estreita ligação com o Órgão de Córregos**. Disponível em: http://www.artorganistica.org.br/artigos/Tese_Mestrado_Handel_Cecilio.pdf. Data de acesso em 01.07.2011.

REZENDE, Maria Conceição. **A música na história de Minas colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

SANTIN, Wilmar. **Missões Carmelitas nos Rios Negro e Solimões**. Carmelus, Roma, 2008, p.101-120.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Vox Dei - O Simbolismo do órgão no cristianismo ocidental**. São Paulo, Vetor, 2002.